

O conceito de destrutividade em psicanálise: uma conversa entre D. Winnicott e A. Green¹

*The concept of destructiveness in psychoanalysis:
a conversation between D. Winnicott and A. Green*

Cláudia Amorim Garcia*

Apresentação

Bom dia. Vou iniciar os trabalhos agradecendo a presença de todas e todos neste sábado de manhã, principalmente dos palestrantes Jose Canellas, da SBPSP e Ana Lila Lejarraga, do CPRJ que gentilmente aceitaram nosso convite para participar desta Mesa de Debates.

Sou Claudia Garcia, Membro Efetivo do CPRJ, coordenadora desta Mesa e do Seminário “André Green: Rigor teórico e sensibilidade clínica” que represento na organização deste evento.

André Green nasceu no Egito (1927), mas mudou-se para Paris aos 18 anos para estudar medicina, escolhendo a psiquiatria como especialidade. Foi residente no Hospital Sainte Anne, fez uma formação clássica com as figuras proeminentes da psiquiatria francesa na época como Ajurriaguera, Henry Ey (a quem se refere como uma figura paternal), seminários de Diatkine e Lebovici, Lagache e finalmente Lacan, cujo seminário frequentou de 1961 a 1965. Na década de 60 tornou-se Membro Titular da Société Psychanalytique de Paris (SPP); e, depois de se afastar de Lacan, deu início a um percurso autoral que resultou numa obra teórica e clínica, enraizada na tradição psicanalítica francesa, mas também visitada pelas contribuições da psicanálise inglesa, representada principalmente por Winnicott e Bion.

¹ Apresentação da Mesa de Debate “A destrutividade na Teoria e na Clínica Psicanalíticas – A. Green e D. Winnicott conversam”, em 26 de outubro de 2024, na sede do CPRJ.

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professora aposentada do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. clauag46@gmail.com

Um psicanalista engajado (GREEN, 1999) é o título de uma publicação que consiste em conversas gravadas com Green, entre 1991 e 1992, sobre sua trajetória na vida e na psicanálise, seus primeiros anos em Paris, sua formação na psiquiatria e na psicanálise, suas análises, a criação de sua obra, suas influências teóricas. É neste contexto, então, que Green afirma ter sido em 1957 que assistiu a uma apresentação de Winnicott pela primeira vez, num Congresso em Paris, e logo depois, em 1961, participou de um seminário clínico por ele coordenado, num Pré-Congresso Internacional, em Londres. Na ocasião ficou de imediato impressionado pela informalidade e simplicidade com que Winnicott se expressava, a novidade e originalidade da técnica do *squiggle*, a forma como expôs situações de caráter pessoal (doença cardíaca) e, principalmente sua linguagem coloquial que tanto contrastava com o brilhantismo dos franceses, o que o levou a afirmar: “fiquei tomado por uma simpatia imediata pelo homem” (*Id, ibid*, p. 151).

Green não desenvolveu uma relação pessoal com Winnicott, mas seu interesse e conhecimento profundo da obra winnicottiana resultou em ser considerado o winnicottiano francês, pela comunidade psicanalítica inglesa. Participou, então, de inúmeras conferências e cursos em Londres. Durante 10 anos (1987-1997), foi convidado, pela Fundação Squiggle, a apresentar cinco de suas Conferências Anuais (*André Green e a Squiggle Foundation*, 2003) sendo homenageado em 1998 com um dia inteiro dedicado a conferências sobre sua obra.

Aquela simpatia inicial, no seu primeiro encontro com Winnicott, ao passar dos anos, se transformou em enorme admiração e respeito, principalmente a partir da década de 70, quando se dedicou intensamente a conhecer a obra winnicottiana. Aqui, como com outros autores também, Green dela se apropriou numa leitura dialógica, isto é, crítica e criativa, mas sempre aberta, pensando com, junto, transformando a leitura num motor para pensar (URRIBARRI, 2013, p. 9), se apropriando do lido de forma a inseri-lo num contexto plural, intertextual – marca registrada do pensamento psicanalítico contemporâneo, na visão de André Green.

Assim, considerava que *O brincar e a realidade* era uma das obras mais importantes, talvez a mais importante, depois de Freud. Nela Winnicott se apresenta como um dos primeiros psicanalistas a falar sobre o pensamento *borderline*, comenta Green, em 1992, e conclui: “ninguém foi mais longe sobre esta questão do que Winnicott” (*Id., ibid*, p. 154). Foi também no *Brincar* que uma nova lógica, a lógica do paradoxo, o conceito de espaço potencial e a teoria dos fenômenos transicionais foram introduzidos na psicanálise, apresen-

tando-se como ferramentas teórico-clínicas cruciais na compreensão dos pacientes *borderline*. Além disto, foi o atendimento no ano em que lecionou na *University College* em Londres, de uma paciente que havia sido atendida por Winnicott, que o levou a se adentrar no tema do negativo, em psicanálise, cujo desenvolvimento subsequente resultou numa das contribuições psicanalíticas mais importantes que nos legou Green, o que atesta, sem sombra de dúvida, que a produção psicanalítica de André Green traz uma marca inquestionavelmente winnicottiana.

Tramitação

Recebido 15/09/2025

Aprovado 29/09/2025

Referências

GREEN, A. *Um psicanalista engajado: conversas com Manuel Macias*. Apeiron, 1999.

_____. *André Green e a Fundação Squiggle*. São Paulo: Roca, 2003.

URRIBARRI, F. “Penser avec” La lecture dialogique. Prefácio. In: GREEN, A. *Penser la Psychanalyse*. Ithaque, 2013.